

# A Manifestação de Tópico e Foco em Línguas da Família Tupi-Guarani

## *The Manifestation of Topic and Focus in Tupi-Guarani Languages*

Marcia Maria DAMASO VIEIRA  
(Museu Nacional/UFRJ)

### RESUMO

*Neste artigo, temos como objetivo identificar e descrever algumas construções envolvendo tópico e foco em duas línguas da família Tupi-Guarani: Asurini do Trocará e Tupinambá. Com base na abordagem cartográfica de Rizzi (1997, 2004) para a periferia esquerda da oração, forneceremos evidências para a manifestação de diferentes tipos de categorias discursivas, como tópico com deslocamento para a esquerda e foco nas construções conhecidas como Indicativo II. Com a finalidade de enriquecer o nosso trabalho, resgatamos a análise de Rodrigues (1990) sobre um determinado tipo de foco verificado em Tupinambá que apresenta comportamento semelhante ao sistema de obviation encontrado nas línguas algonquinas.*

**Palavras-chave:** *Tópico; Foco; Línguas da Família Tupi-Guarani; Periferia Esquerda.*

## ABSTRACT

*In this paper, we aim to identify and describe some of the topic and focus constructions found in two Tupi-Guarani languages: Asurini do Trocará and Tupinambá.<sup>1</sup>Based on Rizzi's (1997, 2004) cartographic approach to the left periphery of the clause, we will provide positional evidence for the existence of different types of discourse categories, such as left-dislocated topics and focalized constituents in the so-called Indicativo II construction. In order to enrich our work, we will also incorporate Rodrigues' (1990) analysis of a type of Tupinambá focus which resembles the obviative system found in algonquian languages.*

**Key-words:** *Topic; Focus; Tupi-Guarani languages; Left Periphery.*

## Introdução

Noções discursivas, como tópico e foco, não têm recebido muita atenção na literatura Tupi-Guarani. Quando tais noções são mencionadas, não há um consenso sobre os seus estatutos. Este é o caso, por exemplo, do Indicativo II (Rodrigues, 1954), construção em que a anteposição de certos constituintes para a esquerda da oração, provoca uma mudança na morfologia verbal. De acordo com Payne (1990), os gatilhos da forma de Indicativo II são elementos topicalizados. Para Dobson (1978), contudo, os gatilhos são elementos focalizados.

Neste trabalho, visamos a identificar e descrever algumas construções que envolvem tópico e foco nas línguas Asurini do Trocará<sup>2</sup> e Tupinambá<sup>3</sup>, ambas pertencentes à família Tupi-Guarani. O problema em reconhecer categorias discursivas nestas duas línguas é que elas apresentam ordem livre no nível oracional. Assim, a tarefa de identifi-

---

1. Tupinambá é uma língua da família Tupi-Guarani já extinta, falada na costa do Brasil na época de seu descobrimento. Os registros do Tupinambá são datados dos séculos 16 e 17, realizados pelos padres jesuítas. O Asuriní do Trocará é falado atualmente no sul do estado do Pará.

2. Os dados do Asurini aqui apresentados foram coletados em trabalho de pesquisa de campo realizado pela autora e extraídos de textos de outros investigadores: Nicholson (1976a, 1976b, 1978), Solly Robin (1963), Tomkins (1976) e Cabral e Rodrigues (2003).

3. Os dados do Tupinambá foram retirados de Rodrigues (1990) e Lemos Barbosa (1956).

cação destas noções discursivas se torna árdua, já que é difícil precisar a localização dos constituintes na arquitetura oracional. Porém, com base na proposta da constituição funcional na periferia esquerda da oração, sugerida por Rizzi (1997, 2004) e no estatuto informacional de certos constituintes, apresentamos aqui construções que acreditamos conter tópico e /ou foco. Com a finalidade de enriquecer esta exposição, resgatamos o artigo de Rodrigues (1990) “*You and I= Neither You nor I: The personal System of Tupinambá*” que descreve e analisa a manifestação de um tipo de foco no Tupinambá que se assemelha ao sistema de *obviation*, verificado nas línguas algonquinas.

Este artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1 tecemos algumas considerações sobre as noções de foco e tópico e sobre as projeções funcionais da periferia esquerda da oração, segundo a proposta de Rizzi. Na seção 2, fazemos uma breve exposição sobre alguns aspectos gramaticais do Asurini e do Tupinambá, relevantes para a compreensão dos dados aqui discutidos. Na seção 3, apresentamos e discutimos as construções que manifestam as categorias de tópico e de foco nas duas línguas, de acordo com a nossa análise. Na seção 4 concluímos os nossos achados sobre a manifestação destas categorias discursivas nas línguas sob investigação.

## 1. Sobre Tópico e Foco

Em linhas gerais, uma das definições de tópico se refere ao constituinte que expressa informação velha/compartilhada e que deve ter natureza referencial e específica. As línguas apresentam diferentes maneiras de expressar o tópico: posição, morfologia e entoação. Existem também vários tipos de tópico em Português, podemos citar a ocorrência dos seguintes tipos de tópico: (i) tópico com lacuna, caracterizado pelo movimento de um constituinte de sua posição de base para a esquerda da oração, deixando em seu lugar um vestígio (“A casa<sub>i</sub> João vai comprar t<sub>i</sub>”); (ii) deslocamento para a esquerda em que o tópico está ligado a um pronome resumptivo em posição argumental (“A casa<sub>i</sub>, o João vai comprá-la<sub>i</sub>); e (iii) *hanging topic* em que o tópico à esquerda não mantém o mesmo caso presente no resumptivo a ele coindexado (“A casa<sub>i</sub>, eu já morei nela<sub>i</sub>”).

O foco é definido como o elemento que expressa informação nova ou de contraste. Existem também vários meios de expressar o foco: entoação, estratégias morfológicas e sintáticas. Dependendo da língua, o constituinte focalizado pode ser movido para o início da oração ou pode permanecer *in situ*. As orações clivadas são um tipo de focalização do Português associado a foco contrastivo: (“Foi o João<sub>i</sub> ( não o Pedro) que t<sub>i</sub> comprou a casa). O foco é também encontrado, por exemplo, nas respostas a perguntas QU expressando informação nova: (-“**O que** você comprou? Eu comprei **a Casa**”). Está sempre associado a uma categoria vazia e nunca a um pronome resumptivo.

Na abordagem gerativa, o tópico e o foco são representados sintaticamente em projeções funcionais fora da oração (IP), na área de CP. Rizzi (1997, 2004) sugere que o sistema complementizador (CP) é altamente articulado, constituído por, pelo menos, quatro núcleos funcionais organizados hierarquicamente. A função principal deste sistema é mantida pelos núcleos Força e Finitude. Força, a projeção mais alta, serve de interface entre a oração e o discurso e especifica a natureza da primeira: declarativa, interrogativa, relativa, etc. Finitude expressa uma relação com a flexão da oração (IP). Além destes dois núcleos, a periferia esquerda também pode apresentar outras projeções, como Foco e Tópico. Este último pode ser recursivo e ocorrer em uma projeção acima ou abaixo de Foco. (1) representa a organização hierárquica dos núcleos funcionais na periferia esquerda, segundo a proposta de Rizzi:

- (1) [ForceP [ TopP [FocusP [ TopP [FinP [IP]]]]]]

Os exemplos do Italiano abaixo ilustram o funcionamento do sistema complementizador. (2a) e (2b) contêm um sintagma topicalizado e dois diferentes tipos de complementizadores: *che* e *de*. A ordenação dos complementizadores face ao tópico indica que *che* se encontra no núcleo de Força e *de* no núcleo de Finitude:

- (2). a. Maria crede **che, il tuo libro**, lo potrà legger [ForceP[TopP[IP]]]  
       ‘Maria acredita que, o seu livro, ela poderá ler’  
       b. Maria crede **il tuo libro, di** poterlo leggere. [TopP[FinP[IP]]]  
       ‘Maria acredita, seu livro, de ser capaz de ler’

Segundo Frascarelli e Pugliese (2007), o tópico pode ter várias propriedades discursivas, dentre as quais podemos citar: “*aboutness topic*” (parafrazeado por “quanto ao XP...”) que se refere ao tópico recém-introduzido e tópico familiar que expressa informação velha. Cada tipo de tópico está associado a uma das projeções TopP na periferia esquerda, de acordo com as autoras. A mais alta, acima de foco, estaria reservada ao tipo *aboutness* e a mais baixa, à direita de foco, abrigaria o tópico familiar.

As interrogativas do tipo QU-, quando ocorrem à esquerda da oração, são deslocadas para a posição de especificador de FocP, segundo Rizzi (1997). Assim, em orações como “o João, o que que ele comprou?” ou “A casa, quem que comprou?”, tem-se um foco, o elemento interrogativo, precedido por um tópico alto na seguinte configuração hierárquica: [TopP[FocP]].

Antes de descrevermos as construções de tópico e de foco das línguas sob investigação, apresentamos na próxima seção alguns de seus aspectos gramaticais relevantes para o entendimento dos dados.

## 2. Aspectos da Gramática Tupi-Guarani

### 2.1. Morfologia verbal e ordem dos constituintes oracionais

A morfologia verbal em línguas da família Tupi-Guarani carrega informações sobre os argumentos verbais nucleares, através das séries de afixos pessoais.<sup>4</sup> Como estas línguas permitem sujeito e objeto nulos, não são incomuns construções constituídas apenas pelo verbo e seus marcadores de pessoa, como ilustra o dado do Asurini abaixo:<sup>5</sup>

4. Não há marcadores de tempo expressos por meio de flexão verbal nestas línguas. Contudo, o Asurini desenvolveu um marcador de futuro (*-ta/-pota*) proveniente do verbo “querer” (*opota*). A marcação de aspecto pode se manifestar por diferentes sufixos verbais nas duas línguas.

5. Lista das abreviações empregadas no texto: aux.=auxiliar; evid.=evidencial; foc.=foco; fut.=futuro; Ind.II=indicativo II; incl=inclusiva; int.=interrogativa; neg.=negativa; pl.=plural; rel.=relacional; sg.=singular; sub.=subordinado; top.=tópico.

## Asurini

- (3) misara **a**-soka-pota **oe**-ha **h**-eron-ta **i**-pokanpokanta-ta  
 veado 1sg-matar-fut 1sg.-aux 3-trazer-sub 3-amarrar-pata-sub  
 '(Eu) matarei o veado para trazê-lo, amarrando-o pelas patas'

Em termos tipológicos, a distribuição dos marcadores de pessoa na morfologia verbal destas línguas segue o padrão ativo/não-ativo nas orações independentes (Leite, 1990). Os prefixos da série ativa codificam concordância com os sujeitos de verbos transitivos e intransitivos ativos ("nadar, correr, dormir"). Os prefixos da série não-ativa expressam os objetos dos verbos transitivos e os sujeitos dos verbos intransitivos não-ativos ("ser alto, ser feliz, ser bonito"):

## Tupinambá

- (4) a. **a**-i-nupã  
 1sg-3-bater  
 'Eu bati nele'  
 b. **a**-bebé  
 1sg-voar  
 'Eu voei'  
 c. **xe**-nupã  
 1sg-bater  
 'Ele me bateu'  
 d. **xe**-marangatu  
 1sg.-bom  
 'Eu sou bom'

Nas construções transitivas, quando o sujeito é de 3ª pessoa e o objeto é de 1ª ou 2ª pessoas, somente estes últimos aparecem marcados na morfologia verbal através de afixos pessoais, refletindo a atuação de uma hierarquia referencial de pessoa, como em (5b). Quando o objeto é de 3ª pessoa e o sujeito de 1ª, 2ª ou 3ª pessoas, ambos têm realização morfológica no verbo, conforme ilustra o dado em (5ª):<sup>6</sup>

6. Como em Asurini, a 3ª pessoa objeto nos verbos transitivos independentes tem realização zero, não a estamos representando nos dados.

## Tupinambá

- (5) a. **a-s-epiák**  
1sg-3-ver  
'Eu o vi'
- b. **xe-r-epiák**  
1sg-rel-ver  
'Ele me viu'

Quando os argumentos verbais são realizados por meio de NPs nas orações independentes,<sup>7</sup> tanto o Asurini quanto o Tupinambá exibem ordem livre no nível oracional:<sup>8</sup>

## Tupinambá

- (6) a. Pindobusu o-s-epiák paranã      SVO  
Pindobusu 3-3-ver mar
- b. Pindobusu paranã o-s-epiák      SOV
- c. Paranã Pindobusu o-s-epiák      OSV
- d. o-s-epiák paranã Pindobusu      VOS  
'Pindobusu viu o mar'      (Lemos Barbosa: 67)

## Asurini

- (7) a. Akoma'e o-soka sakare      SVO  
homem 3-matar jacaré
- b. Akoma'e sakare o-soka      SOV
- c. Sakare akoma'e o-soka      OSV
- d. Sakare o-soka akoma'e      OVS
- e. o-soka akoma'e sakare      VSO
- f. o-soka sakare akoma'e      VOS  
'O homem matou o jacaré'

As interrogativas QU- das duas línguas envolvem deslocamento para a esquerda. Nas interrogativas de objeto, a ordem observada em

7. Nas orações independentes, os afixos de pessoa na morfologia verbal podem coocorrer com NPs e pronomes livres.

8. Devido à ordem livre no livre oracional, dentre outros fatores, Vieira (1993) analisou o Asurini como uma língua de argumento pronominal, baseada no parâmetro de Jelinek (1984, 1985). Neste tipo de línguas, os afixos pronominais são os argumentos verbais, ao passo que os NPs são adjuntos coindexados aos argumentos. Sendo adjuntos, eles podem ocupar qualquer posição na oração, o que explicaria a ordem oracional livre.

Tupinambá é QU SV, enquanto em Asurini, QU VS é uma ordem possível neste tipo de construção:

- Tupinambá  
(8) **Mbaé pe** Tupã o-î-monhang? QU- SV  
Que int Tupã 3-3-fazer  
'O que Tupã fez? (Lemos Barbosa: 234)

- Asurini  
(9) **Ma'e pa** o-eraha konomittoa-moenara? QU- VS  
O que int 3-levar professora  
'O que a professora levou?

Nas orações subordinadas, a morfologia verbal e a realização dos argumentos têm expressões diferentes daquelas verificadas nas orações independentes. Em Tupinambá, o objeto e o sujeito intransitivo (ativo ou não-ativo), mas não o sujeito transitivo, ocorrem contíguos ao verbo na forma de NPs ou como afixos de pessoa, o que reflete um padrão ergativo. O sujeito transitivo se expressa apenas na forma de NP ou de pronome livre. A ordem dos constituintes nestas construções é rígida em Tupinambá - SV e SOV:

- Tupinambá  
(10) ere-î-kuab [**xe nde- r-ausub-a**] [SOV]  
2sg-3-saber [I 2sg-rel-amar-sub]  
'(Você) sabe (que) eu amo você'
- (11) [O-ur [**xe-r-uba r-epiak-a**] [OV]  
3-vir 1sg-rel.-pai rel-ver-sub  
'(Ele) veio para ver meu pai' (Lemos Barbosa: 150)

Diferentemente do Tupinambá, as orações subordinadas do Asurini apresentam flexibilidade na ordenação dos constituintes, podendo manifestar os padrões VO ou OV, como em (12a) e (12b). Note-se que no Asurini, os afixos de pessoa referentes ao sujeito intransitivo e ao objeto são obrigatoriamente marcados na morfologia verbal e podem coocorrer com NPs à sua esquerda ou em posição pós-verbal, como em (12a):



Asurini

- (12) a. Ai pa pe-kwahan [**ahawa i-pe-o** ore pyri]? [O o-V]  
 int int 2pl-aprender [folha 3- tecer-sub nós com]  
 ‘Você aprendeu a tecer folhas conosco?’
- b. a-kwahan-ta ise [**i-pe-o ahawa**] [o-VO]  
 1sg-aprender-fut I [3-tecer-sub folha]  
 ‘Eu vou aprender a tecer folhas’

## 2.2. O Indicativo II

Tanto em Asurini quanto em Tupinambá, existe uma construção verbal independente, mas que se assemelha às orações subordinadas. Trata-se do Indicativo II, assim denominada por Rodrigues (1953). Em termos descritivos, o Indicativo II é uma construção em que o verbo com sujeitos de 1ª e 3ª pessoas,<sup>9</sup> adquire uma forma especial quando um dos seguintes elementos aparece à esquerda da oração: advérbios, quantificadores adverbiais, PPs (argumentos ou adjuntos), orações subordinadas, conjunções e palavras QU não-nucleares (“quando?, onde?, como?, por que?”). O verbo recebe um sufixo especial<sup>10</sup> e exhibe outras mudanças semelhantes àquelas verificadas nas orações subordinadas: (i) perde as marcas de sujeito da série ativa; (ii) ocorre com negação adverbial;<sup>11</sup> (iii) segue um padrão ergativo no que se refere à manifestação de sujeito intransitivo e de objeto.

9. Em Tupinambá, o Indicativo II é observado com sujeitos de 1ª e de 3ª pessoas. Os exemplos do Asurini abaixo mostram que a morfologia do Indicativo II só é verificada quando o sujeito é de 3ª pessoa. Compare (i) com (ii) abaixo e observe que o advérbio deslocado para a esquerda só engatilha a morfologia especial no contexto de sujeito de 3ª pessoa:

Asurini

- (i) a. **ose'iwe a-'o** ipira  
 hoje 1sg-comer peixe  
 ‘Hoje (eu) comi peixe’
- b. **ose'iwe i-'o-i** ipira  
 hoje 3-comer-Ind II peixe  
 ‘Hoje (ele) comeu peixe’

10. No Asurini, o sufixo do Indicativo II é sempre *-i*. Em Tupinambá, esse sufixo é expresso na forma *-i* depois de consoantes, mas *-ú* depois de vogais.

11. Vieira (2007) distingue entre negação funcional e negação adverbial nas línguas da família Tupi-Guarani. A primeira só é empregada nas orações finitas independentes (Indicativo I), enquanto a segunda é usada em outros contextos: orações subordinadas, Indicativo II, nominais e até em construções do Indicativo I:

Asurini

- (i) n-a-ha-ihí (funcional)  
 neg-1sg-ir-neg  
 ‘Eu não fui’

Compare os exemplos em (13). Quando o PP pós-verbal em (13a) ocorre no início da oração, como em (13b), o verbo assume a forma de Indicativo II. Os exemplos (14)-(18) ilustram a manifestação da construção com diversos tipos de gatilhos:<sup>12</sup>

Asurini

- (13) a. Sotero **o-mon** somiapapiña **toria pe** SVOXP  
 Sotero 3-dar barco motor civilizado para  
 ‘Sotero deu um barco a motor para o civilizado’  
 b. **Toria pe** Sothero **i-mor-i** somiapapyna XPSVO  
 civilizado para Sotero 3-dar-Ind.II barco.motor  
 ‘[Para o civilizado] Sotero deu um barco a motor’
- (14) **A’e ramo** raka papai i-soka-i porake XPSVO  
 Então/por isso evid. Papai 3-matar-Ind II poraque  
 ‘[Por isso/ Então] meu pai matou o poraque’
- (15) **Ose’iwe** tapi’ira i-soka-e’ym-i se-r-owa XPOVS  
 Hoje anta 3-matar-neg-Ind II 1sg-rel-pai  
 ‘[Hoje] meu pai não matou a anta’ (Cabral e Rodrigues, 2003: XIX)
- (16) **.Kyhe po** Nazaré **i-soka-i** João XPSVO  
 faca com Nazaré 3-matar-Ind II João  
 ‘[Com a faca ] Nazaré matou João’

Tupinambá

- (17) **Koritei** kunhã pitanga mombak-i XP SOV  
 Depressa mulher criança acordar-Ind II  
 ‘[Depressa] a mulher acordou a criança’ (Lemos Barbosa: 213)
- (18) **Mara ngoty pe** gûarani xe-gûrapara r-rasó-û? XP SOV  
 Onde para guerreiro 1sg-arco rel-levar-Ind II  
 ‘[Para onde] o guerreiro levou o meu arco?’ (Lemos Barbosa: 213)

Passamos agora para a descrição das construções que identificamos como contendo tópico e foco nas línguas investigadas.

---

(ii) a-ha-e’ym (adverbial)  
 1sg-ir-neg  
 ‘Eu não fui’

12. Representamos os gatilhos do Indicativo II em colchetes nos exemplos (13)-(18) porque ainda não discutimos o seu estatuto discursivo.

### 3. Tópico e Foco em Tupi-Guarani

Identificar tópico e foco em línguas com ordem livre não é uma tarefa das mais simples, uma vez que parece impossível determinar a localização dos constituintes na arquitetura funcional da oração. Procuramos, então, certas evidências morfológicas, posicionais e de interpretação para o reconhecimento de construções envolvendo estas categorias discursivas.

#### 3.1. Constituintes topicalizados

Identificamos estruturas que manifestam um tipo específico de tópico: deslocamento para a esquerda. Em Tupinambá, como vimos, as orações subordinadas exibem as ordens rígidas SOV e SV com argumentos plenos, como nos exemplos (19a) e (20a). Quando o sujeito intransitivo ou o objeto é deslocado para a esquerda, derivando as ordens S XP V e OSV respectivamente, um afixo pronominal referente a eles é obrigatoriamente marcado no verbo, como em (19b) e (20b). Acreditamos que em ambos os casos, os constituintes deslocados se encontram na periferia esquerda das orações que os contêm, ocupando a posição de tópico (TopP):<sup>13</sup>

Tupinambá

- (19) a. Kaá rupi **abá** gûata-reme... XP SV  
Mata por homem andar-sub  
'(quando) o homem andava pela mata...'
- b. **Abá**<sub>i</sub> kaá rupi **i**<sub>i</sub>-gûata-reme S XP s-V  
homem mata por 3-andar-sub (Lemos Barbosa: 213)  
'O homem, (quando) ele andava pela mata...'
- (20) a. Nd' a-s-epiáá-potar-i [peẽ **xe-r-ayra** Ø-îuká] S O V  
Neg-1sg-3-ver-querer-neg vocês 1sg-rel-filho rel-matar.sub.  
'Não quero ver vocês matarem meu filho'
- b. Nd' a-s-epiáá-potar-i [**xe-r-ayra** pe **i** îuká] O S o-V  
neg-1sg-3-matar-querer 1sg-rel-filho vocês 3- matar.sub  
'Não quero ver, o meu filho, vocês o matarem' (Lemos Barbosa: 205)

13. Sugerimos aqui que os prefixos *i-* e *s-* do Tupinambá e *i-* e *h-* do Asurini, que se manifestam nas construções subordinadas e Indicativo II, fazem referência ao sujeito intransitivo e ao objeto.

Assumimos também que as construções do Asurini, abaixo<sup>14</sup>, contêm um tópico que pode ser identificado como do tipo *hanging topic*, visto que possui uma forma de caso distinta do argumento pronominal a ele coindexado dentro da oração. Observe em (21b) que o NP “carne” está associado a um pronominal na forma de PP (“nela”). Já em (22b), o elemento à esquerda da oração – “o índio” – está vinculado ao possuidor “dele”.<sup>15</sup>

Asurini

(21) a. **Hemiara pype**

Carne em  
‘Na carne’

- b. **Hemiara**<sub>i</sub> rakokwehe sokyra o-mana [**i**<sub>i</sub>-**pype**] i-sope  
Carne evid sal 3-colocar 3-em 3-para  
‘(Quanto à )carne<sub>i</sub> (ele) colocou sal nela<sub>i</sub> para ele (outra pessoa)’

(22) a. **Akwawa memyra** sekwehe wai

Índio filho evid ter.rabo  
‘O filho do índio tinha rabo’

- b. **Akwawa**<sub>i</sub> sekwehe[**i**<sub>i</sub>-**memyra**] wai  
índio evid 3-filho ter. rabo  
‘(Quanto ao) índio<sub>i</sub> o seu<sub>i</sub> filho tinha rabo’

14. Como em Asurini, a ordem nas orações dependentes é livre e o verbo vem sempre marcado com afixos referentes ao sujeito intransitivo e ao objeto, não é possível fornecer dados que justifiquem a existência de deslocamento à esquerda.

15. Como mostrado em (21b), o Asurini tem morfemas evidenciais. Estes podem ocorrer em qualquer posição na sentença e também podem ser reiterados, como indicam os dados a seguir. A ausência de uma posição fixa na oração e a propriedade de reiteração nos levou a concluir que os evidenciais do Asurini não estão sintaticamente integrados à oração:

Asurini

- (i) Ose’iwe **raka** i-ha-i o-ata-o  
amanhã evid 3-ir-Ind II 3-andar-sub  
‘(É) amanhã (que) (ele) vai andar’
- (ii) So’ia ramo i-apo-i Mahira **sekwehe**  
Sapo em 3-transformar- Ind II Mahira evid  
‘(Foi) em sapo (que) Mahira o transformou’
- (iii) Se-mena o-etyŋ **raka** a-ha chira  
1sg-marido 3-extrair evid 3-aux mel  
‘Meu marido extraiu mel’
- (iv) Kwe **sekwehe** i-pyhyk-a **sekwehe** ipira **sekwehe**  
Então evid 3-pegar-sub. evid peixe evid  
‘Então, ele pegou peixe’.

### 3.2. *Constituintes focalizados*

#### 3.2.1. *Foco seguido da partícula interrogativa*

As perguntas sim/não do Asurini e do Tupinambá são realizadas por meio de uma partícula interrogativa que pode aparecer após cada constituinte questionado, inclusive no final da oração, como em (23) e (24):

Tupinambá

- (23) xe inĩ me ere-ker **pe?**  
 1sg rede em 2ag-dormir int  
 ‘Dormiste na minha rede?’ (Lemos Barbosa: 29)

Asurini

- (24) Ne-memyra o-ken **pa ?**  
 2sg-filho 3-dormir int  
 ‘Seu filho dormiu?’

Também é possível questionar apenas um dos constituintes. Nestes casos, o elemento questionado se realiza à esquerda da oração, seguido imediatamente pela partícula interrogativa:

Tupinambá

- (25) a. xe- inĩ me **pe** ere-ker?  
 1sg-rede e mint 2sg-dormir  
 ‘( Foi) na rede (que) dormiste?’  
 b. xe inĩ me endé **pe** ere-ker?  
 1sg rede você int 2sg-dormir  
 ‘Na minha rede, (foste) tu (que) dormiste?’ ( Lemos Barbosa: 29)

Asurini

- (26) ere-‘ o-pota **pa** piha?  
 2sg-comer-querer int pedaço  
 ‘Você quer comer um pedaço?’  
 (27) itasoa **pa** ere-reka?  
 Ferro int 2sg-ter  
 ‘Você tem um ferro?’

Acreditamos que nas interrogativas acima, o elemento questionado se move para a esquerda da oração para uma posição de foco. Trata-se de uma interrogativa envolvendo clivagem, conforme indica a tradução feita por Lemos Barbosa para os dados do Tupinambá em (25). Note-se que em (26) é o verbo que está sendo questionado (“É para comer que você quer um pedaço?”), ao passo que em (27), a pergunta recai sobre o objeto que se manifesta à esquerda da oração (“É um ferro que você tem?”).

Nas interrogativas “sim/não” também verificamos construções que se assemelham a topicalizações do tipo deslocamento para a esquerda, vistas na seção 3.1. Em (28) *Inamia*, o sujeito do verbo subordinado “ir”, ocorre à esquerda na oração matriz. Em (29), o pronome independente referente ao objeto aparece à esquerda da oração. Aparentemente, os elementos deslocados estão ligados a um objeto dentro da oração. Acontece que, nestes casos, o pronome é obrigatório, estando o NP deslocado ou não.<sup>16</sup> Este padrão é diferente dos casos de tópicos com deslocamento para a esquerda em que há uma distribuição complementar entre o afixo de pessoa e o NP. Se o NP referente ao sujeito intransitivo ou ao objeto está contíguo ao verbo, o afixo de pessoa não ocorre. Se o NP se afasta do verbo, o afixo tem que se agregar ao verbo. Além disso, outra diferença entre as construções abaixo e tópico com deslocamento para a esquerda é que as primeiras envolvem uma partícula interrogativa associada à posição foco. Desta maneira, em (28) e (29) temos casos de focalização do tipo contrastiva e, por isso, podem ser traduzidas como clivadas:

Asurini

(28) **Ianamia**<sub>i</sub> pa ere-saŋ [mime i-ha-ramo] ?

Inamia int 2sg-ver [secretamente 3-ir-sub]

‘(Foi) o Inamia<sub>i</sub>(que), você viu indo embora secretamente?’

Tupinambá

(29) **Ixé** pe xe-îuká?

Eu int 1sg.-matar

‘(É) a mim (que) ele me mata?’ (Lemos Barbosa: 79)

16. Em Asurini, nas orações subordinadas, os verbos são sempre marcados com prefixos referentes ao sujeito intransitivo ou ao objeto.

### 3.2.2. Perguntas QU- e suas respostas

Nos pares pergunta Qu-/resposta, o elemento que codifica a resposta constitui informação nova e, por isso, é o foco da oração. Nas línguas observadas, as respostas podem ocorrer como o primeiro constituinte da oração. Assumindo a ideia de Rizzi, sugerimos que o elemento Qu- e as respostas a ele destinadas se encontram em FocP na periferia esquerda:<sup>17 18</sup>

Asurini

(30) a. **Awa pa** ra' e ere-(e)raha?

Quem int evid 2sg-levar

'Quem você levou?'

b. **Karotawa** raka oro-eraha

Garotão evid 1pl- levar

'GAROTÃO nós levamos'

(31) a. **Moa pype pa** ere-soj e-ka ipytona?

Onde em int 2sg- colocar 2sg-aux noite

'Onde você colocou a noite?'

b. **Oña pype** a-soj oe-ka ipytona

caixa em 1sg-colocar 1sg.-aux noite

'DENTRO DA CAIXA, eu coloquei a noite'

Tupinambá

(32) a. **Mbaé pe** ere-rur?

O que int 2sg-trazer

'O que você trouxe?'

b. **xe-r-átá-rama** a-rur

1sg-rel-fogo-fut 1sg-trazer

'MEU FUTURO FOGO, eu trouxe'

(Lemos Barbosa: 115)

(33) a. **Abá pe** o-î-péok piraíuba?

Quem 3-3- escamar dourado

'Quem escamou o dourado?'

b. **Ixé** a-î-peok

Eu 1sg-3-escamar

'EU (que) escamei'

(Lemos Barbosa: 81)

17. Observe-se que, em Asurini e Tupinambá, os pronomes livres de sujeito são raramente empregados. Sendo assim, não aparecem nas respostas em (30b), (31b) e (32b).

18. O foco nas respostas está sendo expresso aqui em letras maiúsculas.

### 3.2.3. Orações declarativas e a expressão de informação nova

Em sentenças declarativas, a posição inicial da oração parece poder também abrigar constituintes que introduzem informação nova, conforme pode ser observado nas narrativas abaixo sobre os nascimentos ocorridos na aldeia e sobre o aparecimento de uma cobra dentro de uma casa. A informação nova (“o filho de Iracema”, “o filho de Iara”, “de dia”, “a cobra” e “o sapo”) é expressa na posição inicial da oração, mas quando é repetida (“o filho de Iara” e “o sapo”), como em (34c) e (35c), aparece em posição pós-verbal. Tal fato parece indicar que, nestes casos, os elementos sem estatuto discursivo relevante se manifestam em posição pós-verbal:

Asurini

- (34) a. **Iracema memyra** o-‘an ipytonimo raka SV  
Iracema filho 3-nascer noite-em evid  
‘O FILHO DE IRACEMA nasceu’
- b. **Iara memyra** we o-‘an SV  
Iara son also 3-born  
‘O FILHO DE IARA também nasceu’
- c. **Arimo** raka i-‘ar-i **Iara memyra** VS  
manhã evid 3-nascer-IndII Iara filho  
‘DE MANHÃ nasceu o filho de Iara’
- (35) a. **Masa** o-ke o-ta aña pype SV  
cobra 3-entrar 3-vir casa em  
‘UMA COBRA entrou na casa’
- b. **Kororoa** o-eron osoro pe OV  
sapo 3-trazer 3-boca em  
‘UM SAPO, ela trouxe na boca’
- c. O-‘o-pota pane **kororoa** VO  
3-comer-fut infelizmente sapo  
‘Ela vai comer o sapo infelizmente’

Com base na posição estrutural dos constituintes que carregam informação nova e velha, podemos sugerir que as posições à esquerda da oração podem ser utilizadas para abrigar elementos com funções discursivas, ao passo que a posição pós-verbal abriga sintagmas neutros em termos discursivos.



Passamos agora para a discussão do estatuto dos gatilhos da morfologia denominada Indicativo II<sup>19</sup> (Rodrigues, 1954).

### 3.2.4. *Os gatilhos do Indicativo II: tópico ou foco?*

Sugerimos que o Indicativo II deve ser analisado como uma forma verbal engatilhada pela presença de um foco na periferia esquerda da oração. Tal construção não pode ser tratada como um caso de topicalização devido às seguintes razões: (i) tópicos são referenciais e específicos e os gatilhos do Indicativo II podem ser não-referenciais, como quantificadores e advérbios; (ii) dentre estes gatilhos estão palavras QU que são operadores assim como o foco; (iii) é uma construção em que o elemento deslocado expressa informação nova ou de contraste. Informação nova é vista nas respostas às perguntas QU-; e (iv) o gatilho à esquerda não é retomado por um resumptivo dentro da oração, como ocorre nas topicalizações das orações subordinadas:

Asurini

(36) a. **Mo pa** i-ha-i João?

Onde int 3-ir-Ind II João

‘Onde foi o João?’

b. **Tucurui pe** i-ha-i

Tucurui para 3-ir-Ind II

‘PARA TUCURUI ele foi’.

(37) a. **Mara nime pa** i-ha-i?

Quando int 3-ir-Ind II

‘Quando ele foi?’

b. **Ymawe** i-ha-i

ontem 3-ir-Ind II

‘ONTEM, ele foi’

Além disso, há evidências de que tópicos do tipo deslocamento para a esquerda podem coocorrer nas construções com Indicativo II.

19. Indicativo II é o termo usado para descrever uma construção em que a anteposição de um elemento adverbial acarreta na mudança da morfologia verbal e na realização dos argumentos. É visto como uma espécie de subordinação. O Indicativo I se refere à forma dos verbos nas orações independentes (Rodrigues, 1954).

Nos dados (38b) e (39b) do Tupinambá, os objetos se encontram deslocados à direita do advérbio e do sintagma QU- respectivamente, e estão coindexados a um pronome resumptivo. Nestes casos, a ordem derivada pelo deslocamento do objeto é: XP OSV. Já nas construções sem tópico, como (38a) e (39a), a ordem é XP SOV:

Tupinambá

- (38) a. [**Koritei**[kunjã **pitanga** mombak-i ]] XP SOV  
 Depressa mulher criança acordar-Ind II  
 ‘DEPRESSA a mulher acordou a criança’
- b. [**Koritei** [**pitanga** [kunjã **i**-mombak-i ]]] XP OS o-V  
 depressa criança mulher 3-acordar-Ind II  
 ‘DEPRESSA, a criança, a mulher a acordou’ (Lemos Barbosa: 213)
- (39) a. **Mara ngoty pe** gûarani xe-gûrapara r-erasó-û? XP SOV  
 Onde para int guerreiro 1sg-arco rel-levar-Ind II  
 ‘Para onde o guerreiro levou meu arco?’
- b. **Mara ngoty pe xe-gûrapara** gûarani s-erasó-û? XP O S V  
 Onde para int guerreiro 1sg-arco 3-levar-Ind I  
 ‘Para onde , o meu arco, o guerreiro o levou?’ (Lemos Barbosa: 213)

Em Asurini, observamos que o sujeito ou o objeto podem ocorrer à esquerda do gatilho da forma de Indicativo II, gerando as ordens S XP VO e O XP VS respectivamente:<sup>20</sup>

Asurini

- (40) Nazaré **kyhe po** i-soka-i João S XP VO  
 Nazaré faça com 3-matar-Ind II João  
 ‘Nazaré, COM A FACA, matou João’

20. Compare (42) com os dados abaixo. Note-se que em (42) *eino* é seguido de uma partícula de foco. Em (i) *eino* se encontra em posição pós-verbal, enquanto em (ii), em posição à esquerda da oração, ele funciona como um gatilho para o Indicativo II. Como em (42), *eino* também serve de gatilho para a morfologia de Indicativo II, deve estar em posição de foco, como em (ii):

Asurini

- (i) arekosoa sekwehe o-apo ya **eino** SVO XP  
 preguiça evid 3-fazer água assim  
 ‘A preguiça fez água deste modo’
- (ii) **eino** sowe i-apo-i ya XP VO  
 Deste modo apenas 3-fazer-Ind II água  
 ‘Deste modo apenas, ela fez a água’

- (41) Sotero **ywyrapara po** i-soka-i tapi'ira S XP VO  
 Sotero arco com 3-matar-Ind II anta  
 'Sotero, COM O ARCO, matou a anta'
- (42) .Ipytonohoa **eino te** i-apo-i Aowaohoa O XP VS  
 Noite assim foc 3-fazer-Ind II Aowaohoa  
 'A noite, foi ASSIM, (que) Aowaohoa fez'

Assumimos que os constituintes à esquerda do gatilho do Indicativo II, nos dados (40)-(42), são tópicos, uma vez que a periferia esquerda do Asurini também parece estar reservada à manifestação de noções discursivas.

Em Tupinambá também há evidência para uma posição alta de tópico, à esquerda do gatilho do Indicativo II. O quantificador “todos/tudo/inteiro” (*opá*), por exemplo, não forma um constituinte com o NP porque tem natureza adverbial.<sup>21</sup> Sendo assim, quando ocorre à esquerda da oração age como um gatilho do Indicativo II. Como pode ser observado abaixo em (45), o sujeito pode preceder *opá*. Neste caso, sugerimos que o sujeito esteja na posição de tópico mais alta, à esquerda do foco:

- Tupinambá
- (43) **Opá** ahe **xe**-sub-i XP S O-V  
 Todo ele 1sg-quecar-nd II  
 'Ele me checkou por inteiro'
- (44) **Opá** teõ **ïande** mondyk-i XP SO-V  
 Todos morte no destruir-Ind II  
 'A morte destroi nós todos'
- (45) Pitanga **opá** pirá Ø-ú-û S XP OV  
 Criança todo peixe rel- comer-Ind II  
 'A criança comeu todo o peixe' (Lemos Barbosa: 242-243)

21. Segundo Vieira (1995), os quantificadores das línguas da família Tupi-Guarani, como “todos” (*aoseooho*, em Asurini), têm natureza adverbial e, assim, não formam um constituinte com os NPs. Se não tivessem natureza adverbial, não serviriam de gatilho para a forma do Indicativo II.

Outra evidência para a existência de uma posição mais alta de tópico, acima de foco, vem de dados do Tupinambá, como em (46) abaixo, em que o tópico ocorre à esquerda do sintagma QU-:

Tupinambá	
(46) aé-pe <b>nde ygara mamó pe</b> s-en-í?	S QU s-V
E 2sg-canoa onde int 3-estar-Ind I	
‘E quanto à sua canoa, onde ela está?’	(Lemos Barbosa: 178)

### 3.2.5. A manifestação de foco em Tupinambá, segundo Rodrigues

Em seu artigo “*You and I= neither You nor I: the personal system of Tupinambá*” Rodrigues (1990) traz para a discussão um mecanismo morfossintático observado em Tupinambá por Anchieta e Figueira, em que o sujeito de 3ª pessoa da construção transitiva pode ser expresso ou pelo prefixo de 3ª pessoa (*o-*) ou pelo prefixo de 1ª plural inclusiva (*ya-*), conforme ilustram os dados a seguir:

Tupinambá	
(47) a. Pedro móya <b>o-Ø-yuká</b>	SOV
Pedro cobra 3-rel-matar	
‘Pedro matou a cobra’	
b. Pedro Moyá <b>ya-Ø-yuká</b>	SOV
Pedro cobra 1pl incl-rel-mata	
‘Pedro matou a cobra’	(Rodrigues, 1990: 397)

Rodrigues (1990: 398) assume que o fator que determina a escolha de *ya-* (1ª plural inclusiva) ou de *o-* (3ª) é o estatuto discursivo dos argumentos da construção transitiva, envolvendo apenas 3ªs pessoas: “If the subject, that is, the agent, is in focus, it is marked on the verb by *o-*; if conversely, the object, that is, the patient, is in focus, the subject is marked by *ya-*”.<sup>22</sup> O autor também apresenta dados referentes a este mecanismo em que a ordem dos constituintes à esquerda do verbo

22. “Se o sujeito, quer dizer, o agente, está em foco, é marcado no verbo por *o-*; se ao contrário, o objeto, quer dizer, o paciente, está em foco, o sujeito é marcado por *ya-*” (Rodrigues, 1990: 398).

pode variar. Este é o caso das orações que relatam a história da eclipse da lua em (48). Note-se que, independente do estatuto discursivo dos argumentos do verbo transitivo, a ordem pode ser tanto SOV quanto OSV. Em todos os casos, a interpretação é de que o animal é o agente e a lua, o paciente, segundo Rodrigues. Para justificar a alternância da ordem nestes tipos de construção, Rodrigues sugere a ocorrência de topicalização ou de algum efeito estilístico:

Tupinambá

- |                                 |                        |
|---------------------------------|------------------------|
| (48) a. Ma' e yasy o-Ø- ' u     | SOV (sujeito em foco)  |
| animal lua 3-rel-comer          |                        |
| ' O ANIMAL comeu a lua '        |                        |
| b. Yasy ma' e o-Ø- ' u          | OSV ( sujeito em foco) |
| lua animal 3-rel-comer          |                        |
| ' a lua, O ANIMAL, comeu '      |                        |
| c. Ma' e yasy ya-Ø- ' u         | SOV (objeto em foco)   |
| animal lua 1pl incl.-rel-comer  |                        |
| ' O animal, A LUA comeu '       |                        |
| d. Yasy ma' e ya-Ø- ' u         | OSV (objeto em foco)   |
| lua animal 1pl. incl.-rel-comer |                        |
| ' A LUA o animal comeu '        | (Rodrigues: 399)       |

O uso de *ya-* no Tupinambá reflete uma espécie de indeterminação do sujeito em algumas construções, como em (49):

Tupinambá

- (49) Ya-Ø-yuká  
 1pl.incl-rel-matar  
 'Alguém mata' (Rodrigues: 400)

O sistema descrito por Rodrigues se assemelha ao mecanismo de *obviation* encontrado em algumas línguas da família algonquina (cf. Bliss, 2005). Nelas, nas construções transitivas com sujeito e objeto de 3<sup>as</sup> pessoas, a troca de morfemas na morfologia verbal e/ ou nos NPs é feita com base na proeminência discursiva dos argumentos. O NP mais proeminente recebe a marca de *proximate* (=foco), ao passo que os outros NPs de 3<sup>a</sup> pessoa recebem a marca de *obviative*. Só pode haver um *proximate* por oração. Se o sujeito é o *proximate*, a forma direta é usada. Se o objeto for o *proximate*, a forma indireta é usada. Em geral, quando um NP está como *obviative* os seus traços de nú-

mero são neutralizados. Comparando este sistema ao do Tupinambá, descrito por Rodrigues, podemos sugerir que o uso do prefixo *o-* de 3ª pessoa reflete a forma direta, uma vez que o sujeito está em foco. Já o uso da forma *ya-* indica a forma indireta/inversa porque é o objeto que está em foco. Esta última forma pessoal retira de destaque o traço de 3ª pessoa.

#### 4. Conclusões: a manifestação de tópico e de foco

Neste artigo, visamos a identificar e descrever a manifestação de tópico e de foco em Asurini e Tupinambá. Com base nos dados observados, foi possível reconhecer três tipos de tópico: deslocamento para a esquerda, *hanging topic* e tópico com lacuna. Também foi possível identificar várias construções envolvendo elementos focalizados: perguntas *Qu-* e suas respostas, Indicativo II, deslocamento para a esquerda seguido da partícula interrogativa, o sistema *obviative*, descrito por Rodrigues e a introdução de informação nova nas narrativas.

Os dados aqui apresentados revelam que estas noções discursivas podem ser codificadas em posições à esquerda da oração. Desta maneira, adotamos a abordagem cartográfica de Rizzi para identificar a posição de tópico e de foco na periferia esquerda da oração destas línguas. Verificamos que o tópico pode ocorrer à direita ou à esquerda do foco, conforme ilustram os dados repetidos abaixo:<sup>23</sup>

(50) [FocP[TopP[IP]]]

Tupinambá

(51) [Koritei [pitanga [kunhã i-mombak-i ]]] XP OS o-V  
depressa criança mulher 3-acordar-Ind II  
'DEPRESSA, a criança, a mulher a acordou'

(52) Mara ngoty pe xe-gûrapara gûarani s-erasó-û? QU O S V  
Onde para guerreiro 1sg-arco rel-levar-Ind II  
'Para onde, o meu arco, o guerreiro o levou?'

(53) [TopP[FocP[IP]]]

23. Não estamos representando as outras projeções do sistema C.

- (54) *aé-pe nde ygara mamó pe s-en-í?* S QU s-V  
 E 2sg-canoa onde int 3-estar-Ind II  
 ‘Quanto à sua canoa, onde ela está?’

Asurini

- (55) *Nazaré kyhe po i-soka-i João* S XP V  
 Nazaré faca com 3-matar-Ind II João  
 ‘A Nazaré, (foi) com a faca (que), matou João’

- (56) *Ipytonohoa eino te i-apo-i Aowaohoa* OXPVS  
 Noite assim foc 3-fazer-Ind II Aowaohoa  
 ‘A noite, (foi) assim, (que) Aowaohoa fez’

Com base nos dados aqui expostos, sugerimos que o Asurini e o Tupinambá possuem uma periferia esquerda articulada, assim como proposta por Rizzi em que as projeções funcionais que abrigam as categorias discursivas estão hierarquicamente organizadas, como em (57):

- (57) [TopP[FocP[TopP[IP]]]]

Por fim, vale ressaltar a maneira com que as categorias discursivas afetam a morfologia verbal. Esta relação entre foco e alteração da morfologia verbal fica transparente nas construções do Indicativo II e no sistema semelhante ao *obviative* descrito por Rodrigues para o Tupinambá. Quando o sujeito transitivo de 3ª pessoa não está em foco, um outro sistema entra em jogo afetando a escolha dos afixos pessoais e a expressão dos argumentos verbais.

Este trabalho apresentou apenas uma pequena amostra da manifestação de tópico e foco nas línguas da família Tupi-Guarani. A expressão das categorias discursivas é bem mais rica e complexa do que os nossos olhos puderam enxergar. Talvez, o reconhecimento de outras categorias, como ponto de vista, por exemplo, e a sua realização sintática, possa elucidar várias outras questões sobre a gramática destas línguas, como o fenômeno da ordem livre.

Recebido em julho de 2014

Aprovado em agosto de 2014

E-mail: valdirgabriel@gmail.com

## Referências bibliográficas

- BLISS, Heather. 2005. Topic, Focus, and Point of View in Blackfoot. In *Proceedings of the 24<sup>th</sup> West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- CABRAL, Ana Sueli & Rodrigues, Aryon. 2003. *Dicionário da língua Asurini do Tocantins*. Belém, Pará. UFPA- IFNOPAP-Unb/IL/LALI.
- FRASCARELLI, Mara & Pugliesi, Anamarita. 2007. Focus in the Force-Fin System: Information Structure in Cushitic. In E. O. Aboh, K. Hartman & M. Zimmermann (eds.) *Languages. Focus Strategies in African Languages*. New York: Mouton de Gruyter.
- JELINEK, Eloise. 1984. Empty categories, case and configurationality. *NLLT*, 2:1
- LEITE, Yonne. 1990. Para uma tipologia ativa do Tapirapé: os clíticos referenciais de pessoa. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Nº 8. Campinas.
- LEMONS BARBOSA, P<sup>a</sup>. 1956. *Curso de Tupi Antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- NICHOLSON, Velda. 1976<sup>a</sup>. Textos Asurini: 25 histórias, 7 mitos. *Arquivo Lingüístico*, 15. Brasília: SIL.
- \_\_\_\_\_. 1976b. *6 Textos na língua Asurini*. Brasília: SIL.
- \_\_\_\_\_. 1978. *Aspectos da Língua Assurini*. Brasília: SIL.
- RIZZI, Luigi. 1997. The Fine Structure of the Left Periphery. In Lilianne Haegman (org.) *Elements of Grammar: Handbook of Generative Syntax*. Kluwer: Dordrecht.
- \_\_\_\_\_. 2004. Locality and Left Periphery. In A. Belletti (ed.) *Structures and beyond: cartography of syntactic structures*. vol.2 Oxford: Oxford University Press.
- RODRIGUES, Aryon. 1953. *Morfologia do Verbo Tupi*. Separata Letras No 1. Curitiba.
- \_\_\_\_\_. 1990. You and I=neither You nor I: the personal system of Tupinambá. In Doris Payne (ed.) *Amazonian Linguistics: studies in lowland South America*. Austin: University of Texas Press.
- SOLLY, Robin. 1963. 40 textos coletados do Asurini. *Arquivos do Museu Nacional*: Rio de Janeiro.
- TOMKINS, Annette. 1976. 32 textos Assurini. *Arquivo Lingüístico*. No 18. Brasília: SIL.
- VIEIRA, Marcia Maria Damaso. 1993. O fenômeno da não-configuracionalidade na língua Asurini do Trocará: um problema derivado da projeção dos argumentos verbais. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP.



- \_\_\_\_\_. 1995. The expression of quantificational notions in Asurini do Trocará. In Barbara Partee, Emmon Bach, Eloise Jelinek & Angelica Kratzer (eds.) *Quantificational notions in Natural Languages* Kluwer: Dordrecht.
- \_\_\_\_\_. 2007. O estatuto da negação em línguas da família Tupi-Guarani. In Ana Sueli Cabral & Aryon Rodrigues (Eds.) *Línguas e Cultura Tupi*. Campinas: Curt Nimuendajú.